

Música para os ouvidos do PT

Rogério L. Furquim Werneck*

Ainda é cedo para entender com clareza a escalada de radicalização do discurso econômico do presidente Lula. Mas já é possível alinhar fatos que ajudam a fazer sentido do que vem ocorrendo.

O plano de Lula sempre foi não ter plano. Já deixara isso mais do que claro em sua entrevista à revista *Time*, em abril do ano passado: “Nós não discutimos política econômica antes de ganhar as eleições. Em primeiro lugar, você tem de ganhar as eleições”. E a verdade é que Lula venceu a disputa presidencial sem dizer uma só palavra sobre o que faria. Instalado no Planalto, continua sem ter plano e sem dar qualquer sinal de que terá.

Não ter plano era livrar-se do teto de gastos e conseguir passar batido pela cobrança que lhe faziam de compromisso com a sustentabilidade fiscal. E, montado na licença para gastar mais R\$ 200 bilhões, extraída do Congresso no apagar das luzes do ano passado, levar o governo adiante como bem entendesse, num mandato destinado a ter um sucesso retumbante. “Vamos gastar o que for preciso gastar”, já anunciara há quase um ano (*Folha*, 17/3).

Mas, malpassados 45 dias no cargo, Lula vem percebendo que não lhe será tão fácil. O 8 de Janeiro deu-lhe tremendo susto. Deixou-o mais avesso ao risco e de olhos vidrados nos índices de popularidade. E o desfecho das eleições para as mesas da Câmara e do Senado deixou bem clara a precariedade de seu apoio no Congresso. Aos poucos, Lula vem-se dando conta de que empurrar com a barriga o esforço de ajuste fiscal pode ser mais problemático do que lhe parecia. E isso vem lhe causando indisfarçável irritação. Basta ter em conta a forma destrambelhada como reagiu ao Banco Central, quando a instituição, agora autônoma, se declarou à espera de sinais convincentes de mudança na postura fiscal do governo.

Não tendo proposta de ajuste fiscal pelo lado da despesa, a equipe econômica constata, agora, que suas ideias de ajuste pelo lado da receita vêm esbarrando na fragilidade do apoio parlamentar do governo, como bem ilustram os entraves à aprovação das mudanças nas regras de decisão do Conselho de Administração de Recursos Fiscais (CARF). E, também, na resistência de Lula a incorrer nos custos políticos de reverter desonerações tributárias eleitoreiras concedidas por Jair Bolsonaro.

Quanto à suposta determinação do governo de levar adiante a reforma da tributação de bens e serviços, é bem sabido que, por mais louvável que seja, tal iniciativa não configura esforço de ajuste fiscal.

É bem verdade que o Planalto terá de submeter ao Congresso, até meados do ano, novo arcabouço de regras fiscais a que terá de se submeter. Mas é difícil que, em meio à completa falta de convicção do governo acerca da própria necessidade de tais regras, Lula aceite se impor um conjunto de restrições fiscais que limite de forma relevante a capacidade de gasto do seu governo nos próximos anos.

Por enquanto, o Planalto parece entregue ao negacionismo, pronto a se deixar convencer de que o nó górdio que, há anos e anos, vem sendo o desafio central da condução da política econômica no País, não passa de miragem. Simplesmente não existe.

A ideia de que o Brasil esteja às voltas com um quadro fiscal intrincado, marcado por absurda rigidez de gastos, pilhagem do Tesouro por interesses corporativistas, perda de controle do Executivo sobre o Orçamento e pressões políticas incontrolláveis por expansão sem fim de dispêndio primário não passaria de uma narrativa falsa e malévol. Uma rele trama de mentiras urdida por uma conspiração de rentistas instalados no mercado financeiro, para justificar a manutenção de taxas de juros altas e impedir o crescimento da economia.

Não tendo problema fiscal maior a enfrentar, Lula teria sinal verde para desencadear novo ciclo de crescimento da economia com base em elevação substancial do endividamento público. Música para os ouvidos do PT.

É inacreditável que, a esta altura, Lula e o PT ainda estejam propensos a se encantar com autoenganos desse naipe.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.